

FEMINISTISCHER STREIK

IN LUZERN

SAMSTAG 14.06.25

MEHR INFOS:

www.frauenstreikluzern.ch

Português

Programa – Informações sobre a
manifestação –

Reivindicações – Discursos

WE STILL CARE!
UND DU?



Aqui encontra o programa e informações sobre a greve feminista de 2025, bem como os nossos discursos mais abaixo.

PROGRAMA 14 DE JUNHO DE 2025

Inselipark Lucerna (mesmo atrás da estação ferroviária / KKL)

11h00 – Brunch na Volière (bar na Inseli)

Começamos o dia de forma descontraída com um brunch solidário na [Volière da Radio 3FACH](#). Haverá café da Volière, bolos deliciosos da [Ässbar Luzern](#) – e, claro, ficaremos felizes se trouxeres algo para partilhar, como compota ou frutas frescas.

12h – Início do Dia da Greve Feminista no Inseli

Bem ao lado, no Inseli, começa oficialmente o dia de greve:

Várias organizações se apresentam com estandes informativos. No palco – viabilizado pelo [Südpol Luzern](#) – esperam por ti palestras inspiradoras, entre outras, da **Grossmütterrevolution** (Revolução das Avós) ou sobre a **situação atual no Afeganistão**.

Às 14h, vai rolar um **café-conversa** com Agatha Fausch, coorganizadora da greve das mulheres de 1991, e Jana Avanzini, coorganizadora da greve das mulheres de 2019.

No palco aberto, das 14h15 às 14h45, tu também podes partilhar a tua raiva, os teus pensamentos e as tuas visões – seja com palavras, música ou performance.

Claro que o lendário FemStreik-Bar também estará de volta – com LuzernerinnenBier, SauerBier, Prosecco, refrigerantes e bolos.

 **Novo: novos produtos com o icónico design de coração de [Anu](#), [Laura](#) e [Valentina](#) – desta vez com um novo visual!**

 Para as **crianças**, há um programa especial no parque infantil: sob a supervisão de homens solidários, serão feitos cartazes e jogos – para que também as pessoas com responsabilidades de cuidados possam participar de forma descontraída.

 A refrescante sobremesa fica por conta da **gelataria móvel da [Gelavena](#)** – parte da receita vai para casas de acolhimento para mulheres na Suíça.

 Acompanhando o dia todo, Noëlle e Amélie, do coletivo feminista Streikkollektiv. Para garantir a segurança e o apoio mútuo, vai ter uma equipa de sensibilização no local – mais informações abaixo.

15h – Encontro para a manifestação

Vamos reunir-nos para a **grande manifestação, com discursos para aquecer o ambiente!**

A partir das 18h – de volta ao Inseli

Depois da manifestação, vai ter comida boa:

da **Associação Curda** e de uma **barraca de comida afegã**, cuja renda vai para uma escola para meninas no Afeganistão.

E claro, o bar FemStreik vai estar aberto de novo!

Programa da noite

- Concerto de [zeny](#) & den [Landjäger*innen](#)
- Depois: [Cocon Javel](#) ao vivo no palco
- Em seguida, haverá um DJ set até às 21h45

Depois, é hora de dormir, mas a noite ainda não acabou!

23h00–05h00 – Afterparty no Südpol

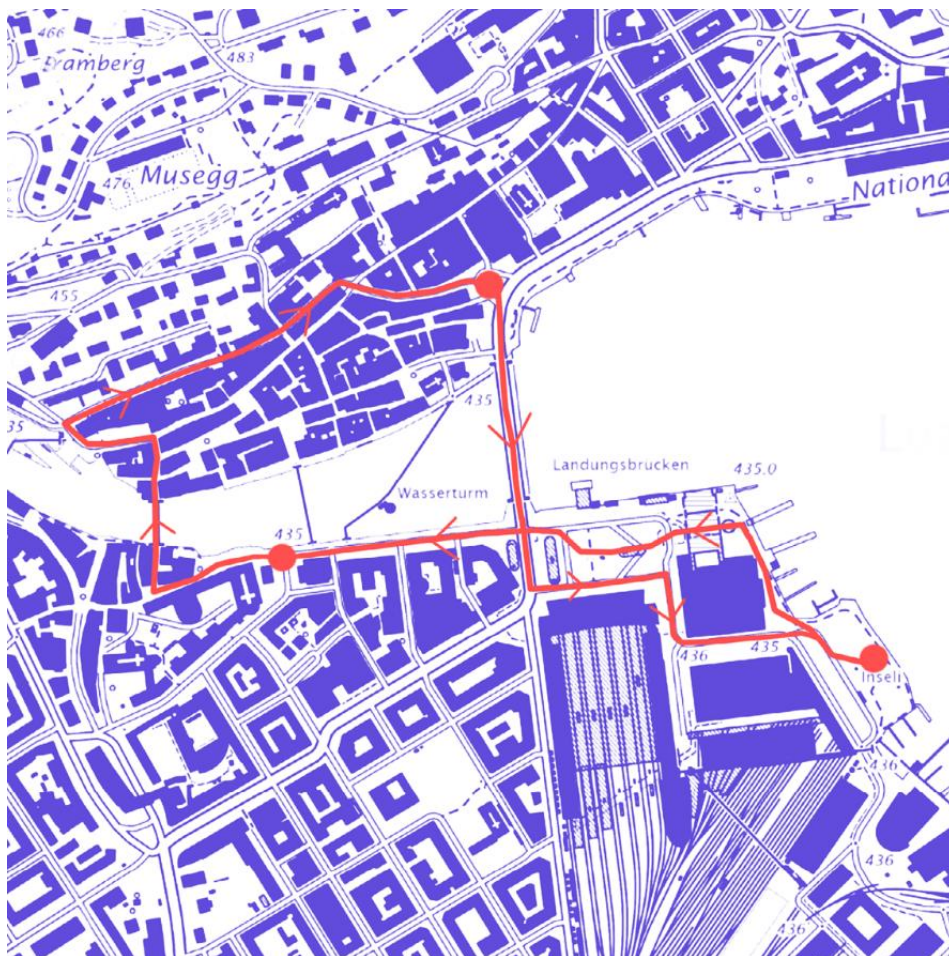
[Toda La Noche](#) toma conta da noite – com batidas feministas, solidariedade e resistência até o amanhecer!

INFORMAÇÕES SOBRE A MANIFESTAÇÃO

A manifestação foi autorizada!

Comprimento do percurso: 2,6 km / maioritariamente plano (8 metros de diferença de altitude). O percurso é facilmente acessível com carrinhos de bebé, cadeiras de rodas e outros meios de transporte.

Haverão carros com água ao longo de toda a manifestação. Por favor, protejam-se do sol!



Paragens para discursos:

Praça do Teatro:

- lata sobre o tema transfobia
- Melanie von Müllenen ([ativista da Zunft zu dinere Mutter](#)) sobre o tema maternidade

Praça Schwanen

- Sajdeh sobre o tema **cuidados e migração**
- Duygu sobre o tema **violência contra mulheres / perigo para mulheres**

Depois, vamos fazer um minuto de silêncio com os punhos levantados contra os feminicídios. O minuto de silêncio vai ser acompanhado pela **música** [“Cancion Sin Miedo” de Vivir Quintana](#).

Banheiros públicos ao longo do percurso:

1. Inselipark - banheiro entre Inseli e o estacionamento
2. Estação ferroviária de Lucerna - banheiro perto do arco
3. Mühleplatz - WC ao lado da ponte Spreuerbrücke
4. Schwanenplatz - WC na paragem de autocarro (na direção da estação ferroviária)

Para que a manifestação corra bem e o ambiente permaneça bom, respeita as seguintes regras.

Regras de comportamento

- Respeita os teus limites e os dos outros
- Denuncia comportamentos inadequados → reage, por exemplo, com «Sai daqui!».
- Em caso de problemas físicos ou psicológicos, contacta as pessoas com coletes amarelos.
- Segue as instruções do serviço de segurança
- Não danifiques propriedade pública ou privada.
- Permanece na via, não coloques cartazes de forma indiscriminada, não uses fogos de artifício.
- Não divulgues mensagens extremistas ou incitações ao ódio/violência.
- Não uses balaclava/máscara: esconder o rosto é proibido no cantão de Lucerna (proibição de cobrir o rosto).

Bem-estar

- Durante todo o evento, haverá água disponível em carrinhos.
- Recomenda-se proteger-se do sol.
- Haverá uma intérprete de língua gestual (área reservada à direita do palco).

As nossas exigências para a greve feminista de 2025

Migração e cuidados (trabalho)

Queremos condições de trabalho justas para todo o pessoal de cuidados! Chega de explorar mulheres e migrantes como mão de obra barata nos cuidados e assistência. Direitos iguais, salários justos e proteção total.

Cuidados infantis acessíveis e abrangentes – também para profissionais de cuidados! Muitas mulheres e migrantes trabalham na área dos cuidados e, além disso, cuidam das suas famílias. Para que o trabalho de cuidados seja distribuído de forma justa, são necessários bons serviços de cuidados e vouchers de cuidados para todos.

Cuidados e cuidados infantis

Queremos pessoal bem formado e uma remuneração justa. Cuidados e assistência de alta qualidade precisam de profissionais qualificados, com boa formação e formação contínua.

Queremos mais reconhecimento político e valorização para os profissionais de cuidados, bem como condições de trabalho modernas!

Trabalho de cuidados não remunerado

Queremos a introdução de uma licença parental igualitária: além da licença de maternidade, deve ser introduzida uma licença parental distribuída de forma justa, para permitir que os pais cuidem dos filhos em conjunto.

Queremos creches e estruturas de acolhimento diurno suficientes, acessíveis e adequadas às necessidades: todas as famílias – independentemente de viverem na cidade, na aglomeração urbana ou no campo – devem ter acesso a cuidados infantis acessíveis e de alta qualidade.

Queremos serviços acessíveis para pessoas que precisam de apoio, para que o trabalho de cuidados não recaia sobre os familiares, principalmente as mulheres.

Política e trabalho de cuidados

Queremos mais mulheres, migrantes e pessoas queer em cargos políticos e de liderança! Quem faz trabalho de cuidados também deve estar representado nos espaços de decisão. Queremos uma política feminista, diversificada e inclusiva.

Queremos que as decisões políticas sejam pensadas e implementadas de forma igualitária, antirracista e interseccional!

O trabalho de cuidados afeta a todos nós, mas é distribuído de forma desigual. As medidas políticas devem levar em consideração a realidade da vida das mulheres, dos migrantes, das pessoas queer e marginalizadas e eliminar a discriminação estrutural.

Violência contra FLINTA*s (mulheres, lésbicas, intersexuais, não binárias, trans, agénero)

Queremos que aumentem e financiem a longo prazo casas de acolhimento, centros de aconselhamento e serviços de proteção em todos os cantões da Suíça Central.

Queremos um telefone de emergência multilíngue, disponível 24 horas por dia, para pessoas que sofrem violência, de acordo com a Convenção de Istambul.

Discursos

Discursos no Parque Inseli

Estamos ansiosos por um dia 14 de junho barulhento, agitado e combativo – contigo!

Korintha Bärtsch (vereadora da cidade de Lucerna, Partido Verde) e Melanie Setz (vereadora da cidade de Lucerna, Partido Socialista)

Há pouco mais de um ano, fizemos história juntas na cidade de Lucerna:

Com a nossa colega Franziska Bitzi, conquistámos uma **maioria feminina** no Conselho Municipal de Lucerna!

Depois de muitos anos sem mulheres no Conselho Executivo, finalmente, um ano antes, mulheres foram eleitas para o governo: dois lugares no Conselho Executivo de Lucerna foram ocupados por mulheres, Ylfete Fanaj e Michaela Tschuor.

Sim, ocupados. Porque não vamos deixar que nos tirem esses lugares!

Mas para isso ainda é preciso muita determinação e perseverança.

Porque, embora o número total de mulheres nos executivos municipais e também no Conselho Cantonal tenha aumentado, ainda somos minoria na maioria dos conselhos municipais e comunais, especialmente nos municípios maiores.

Sursee: maioria

Willisau: pelo menos 2

Ebikon: 1 em 5

Emmen: 1 em 5

Kriens: 1 em 5

Horw: 1 em 5

Para todos aqueles que já estão a alertar para o fim da humanidade e a tomada do poder pelas mulheres: não tenham medo, esse perigo progressista ainda está longe de acontecer. Pelo contrário, temos de ter cuidado para que a igualdade, que já avança a passo de caracol, e os arranhões no patriarcado não recuem.

É por isso que precisamos de todos vocês.

Para que todos os géneros sejam representados de forma adequada na política, continuamos a precisar de muitas mulheres

que participem e se candidatem a cargos políticos. Não apenas a cargos sem fins lucrativos e não remunerados, pois aí a proporção de mulheres é geralmente muito alta. Não, mas sim a cargos políticos, para ajudar a moldar o mundo.

Precisamos urgentemente das vossas vozes, das vossas opiniões, dos vossos pontos de vista! Quem mais vai tratar de temas como igualdade, valorização do trabalho de cuidados, conciliação, violência sexual e doméstica, salário igual para trabalho igual, etc.?

E não somos só nós, mulheres, que precisamos das vozes das mulheres, mas também os homens que não querem mais se definir apenas pela força, pelo poder e pela manutenção do poder. A sociedade como um todo precisa da voz das mulheres, pois metade dela é composta por mulheres! É por isso que estamos aqui: para vos dizer que nós podemos fazer isso, vocês também podem! A política é uma discussão sobre a nossa sociedade e o nosso ambiente – vocês já fazem isso todos os dias – em casa, no lazer, no trabalho.

Deram o primeiro passo, estão aqui e prontas para correr! As próximas eleições chegarão mais rápido do que pensam – posicionem-se agora na linha de partida para a distribuição dos lugares – não vamos mais deixar que nos tirem.

E 1 – 2 – 3 – não é feitiçaria!

Jasmin Stangl (educadora infantil diplomada / colaboradora no setor de creches)

Hoje, tenho 3 minutos para falar com vocês sobre as condições nas creches, pré-escolas e estruturas de acolhimento diurno. Provavelmente, todos sabem que esses 3 minutos não serão suficientes. Mas aprender a trabalhar sob pressão não é algo que se aprende na teoria, e sim na prática.

Enquanto devo concentrar a minha atenção na criança que não consegue se separar da mãe pela manhã, fico de olho nas duas crianças que estão prestes a brigar pelo carrinho de brinquedo e ouço os barulhos vindos do

carrinho de bebé, onde espero que o bebé esteja a dormir. A estagiária está sentada à mesa do pequeno-almoço com quatro crianças, onde ela alimenta todas, mantém a ordem e precisa lembrar que a criança nova não tolera lactose.

A estagiária ligou a dizer que está doente. Até às 8h30, somos duas com 15 crianças. À hora do almoço, a criança ao meu lado esvazia o copo, do outro lado, outra criança tenta subtilmente (ou não) deixar cair a salada para

baixo da mesa, enquanto dou papinha caseira à terceira criança.

Em três minutos, é o caos e as necessidades colidem. Comer junto faz parte do dia a dia pedagógico e faz todo o sentido, isso aprende-se na teoria. Na prática, come-se principalmente frio – quando se consegue. E na estrutura diária, não se dá mais papas, mas cuida-se sozinho de dez crianças, que já são grandes. Sem piada.

Tenho montes de histórias assim. Não são casos isolados. É o dia a dia. Precisamos de mais tempo e precisamos de mais dinheiro. Tempo para não deixar a estagiária sempre a

Coletivo Feminista de Greve de Lucerna

→ Veja “Nossas reivindicações para a greve feminista de 2025

Discursos na Theaterplatz (1.ª paragem da manifestação)

Melanie von Müllenen (ativista da «Zunft zo dinere Muetter»)

Somos a Zunft zo dinere Muetter!

Uma guilda é uma associação de artesãos.

O nosso ofício é cuidar das crianças – seja remunerado ou não!

Mas isso não é reconhecido.

Da política, só ouvimos sempre:

«As mães devem voltar rapidamente ao mercado de trabalho.»

Alta taxa de emprego. Poder económico. Conciliabilidade.

É o que está a acontecer agora na discussão sobre a nova iniciativa de licença parental.

Mas o que isso significa?

Só podemos trabalhar

porque outra pessoa FINTA faz o nosso trabalho:

cuidar das crianças, cozinhar, limpar – sem remuneração ou com uma remuneração baixa.

E ficamos simplesmente aliviadas

por agora ser outra pessoa explorada

para que a gente possa funcionar.

Que tipo de progresso é esse,

em que as mães devem celebrar a igualdade às custas de outras mães?

Quem é que está a ser igualado a quem, afinal?

Por que é que as mães são transformadas em meio pai

limpar a creche, mas sim para transmitir os seus conhecimentos pedagógicos. Dinheiro para contratar pessoal suficiente com horários atraentes (ou seja, não 3 vezes por semana, 2 horas ao meio-dia), para que, em caso de doença, não seja toda a rotina (e as pessoas que ficam) que entra em colapso. E tempo para continuar a formar-se, organizar entrevistas e garantir a qualidade. Dinheiro para fazer isso e pagar salários justos por um trabalho árduo que é um investimento muito bom no nosso futuro! No outono, vamos votar em Lucerna sobre a iniciativa das creches – recomendo que votem SIM na proposta do PS. Obrigada!

em vez de os pais serem pais a tempo inteiro?

Por que é que ninguém exige que os pais assumam a sua parte?

E não estou a falar de um dia de pai por semana!

E não estou a falar de um dia de pai por semana!

Não são os nossos filhos que nos esgotam – não!

É o sistema.

Um sistema que vive do nosso trabalho não remunerado

e não tem qualquer apreço por ele.

Depois ainda nos dizem que não somos suficientemente produtivas.

Quando é que voltas ao trabalho?

Quando é que te reintegras?

Quanto tempo vais fazer uma pausa?

Eu nunca deixei de trabalhar.

Nunca desisti.

Não fiz nenhuma pausa.

Estou aqui. Sempre.

Com muito amor, pouco tempo e espaço.

Nem mesmo para dizer: «Não consigo mais.»

Não há espaço para isso.

E ainda há mais.

Há muito tempo que realizamos trabalho remunerado

e, mesmo assim, fazemos a maior parte do trabalho não remunerado.

Não remunerado ou mal remunerado estamos no mesmo barco, minhas irmãs!

Fazer greve de verdade? Impossível.

Quem iria substituir?

E isso, queridas companheiras de luta, é exaustivo.

Cuidar de crianças não é um trabalho que se pode simplesmente largar.

E nós não queremos isso – quais seriam as consequências?!

Não podemos simplesmente passar o trabalho de cuidar de outras pessoas de um lado para o outro.

Não da mãe para a funcionária da creche.

Não da empregada doméstica de volta para a mãe.

lata (Aktivist:in)

Não é o melhor momento para prosperar e brilhar como pessoa trans e, como sempre, a culpa é da união desonrosa entre o patriarcado e o capitalismo. E, infelizmente, também é super atual, embora não seja totalmente novo, um renascimento próspero do fascismo declarado. Ele se instala confortavelmente nas estruturas democráticas, se espalha e envenena com arrogância o que já é escasso em termos de política que coloca o bem-estar das pessoas e do meio ambiente no centro, e não o dinheiro de alguns idiotas ricos e brancos. O povo é incitado a defender o seu país e o homem é incentivado a subjugar a sua mulher. Trata-se de posse e controlo e de muita superioridade inventada, que ao longo dos anos se tornou um fenómeno natural declarado. Sim, talvez isto seja um pouco resumido ao essencial. Mas podemos também aprofundar um pouco mais nesta merda. E merda é uma boa palavra-chave, porque está novamente em alta: a discussão sobre as casas de banho. Eu realmente gostaria que já tivéssemos encerrado essa discussão sobre banheiros, que é tão básica. Mas aqui estamos nós. Mulheres trans no Reino Unido podem fazer xixi em casa se tiverem a exigência desproporcionalmente nobre de não se expor à violência verbal e física enquanto fazem isso.

Não para a vizinha, para a avó, para a amiga...

Uma de nós vai sempre ser mal paga – ou nem sequer paga.

Mas parece que ninguém ouve.

Ou não se importam.

Por isso, vamos unir-nos!

Formem grupos!

Entre mães e pessoas sem filhos.

Entre as exaustas e as furiosas.

Entre as que dão à luz e as outras FINTAS.

Entre as que podem,

e as que simplesmente não podem mais.

Aprendemos a funcionar.

Agora estamos a aprender a dizer não.

E sim – umas às outras. Hoje estamos a fazer barulho – também por aquelas que não podem estar aqui!

Hoje – e todos os dias que virão.

(Não que alguma pessoa trans já tenha se sentido realmente segura em algum banheiro público. Só no Reino Unido, o Supremo Tribunal decidiu recentemente que elas também não têm o direito de fazer xixi onde se sentem um pouco mais seguras. Ou seja, na casa de banho feminina, como mulheres.) E também no que diz respeito à autonomia corporal (que, aliás, também é um direito humano), o panorama é sombrio. As crianças trans são vistas como joguetes ideológicos e produto da imaginação da agenda queer perversa. Homens trans? Eles podem ser ignorados, são homens afeminados com complexos absurdos. Enquanto continuarem a ser classificados como mulheres, podem ser privados de tudo, tal como as mulheres normais. As pessoas não binárias podem continuar a inventar a sua existência, desde que mantenham as suas questões de pronomes para si mesmas e não queiram reivindicar os sistemas sociais, médicos e democráticos. E por falar em fodido: há anos que as comunidades trans e não binárias lutam pelo reconhecimento social e político de todas as identidades de género. Ao mesmo tempo, muitos enbys fariam tudo para não terem de marcar voluntariamente um X ou um D ou o que quer que seja no passaporte. Com um pouco de conhecimento histórico e um olhar para os

abismos fascistas que se abrem no meio do nosso mundo democrático tão perfeito, todo esse medo é muito concreto e muito atual. Todos esses medos muito concretos, sistemas de opressão e estruturas de poder não podem ser superados apenas com cinismo. O que precisamos é de uma resistência antifascista veemente. Precisamos de lutas queerfeministas interseccionais e decididas. Precisamos de reconhecimento político e social

e proteção de todos os géneros. Acesso à educação e cuidados médicos adequados. Precisamos de muita alegria trans e amor e carinho t4t, imaginação genderbending, realidades queer e o máximo de motivos possíveis para continuar vivos. E nós prosperamos e brilhamos, porque sabemos: a vida queer é resistência antifascista. Mulheres trans são mulheres! Pessoas não binárias existem! Há feminismo suficiente para todas!

Discursos na Schwanenplatz (2.^a paragem da manifestação)

Sajdeh (enfermeira SRK numa clínica psiquiátrica)

Estou feliz por poder falar hoje. O meu nome é Sajideh, sou do Iraque, moro em Lucerna há 17 anos e trabalho na área de cuidados. Até ontem, eu não sabia se poderia estar aqui hoje. Como mãe, tenho muito stress e também passei por muitas coisas na minha vida pessoal. Raramente tenho tempo. Os horários de trabalho são difíceis, especialmente para mães solteiras, é preciso organizar muita coisa. Infelizmente, no trabalho, frequentemente temos muita pressão e stress. Gostaria que a

sociedade nos reconhecesse mais – trabalhar na área da saúde não é fácil, é um trabalho importante. Dêem-nos oportunidades de fazer uma formação. E não se esqueçam que fomos essenciais durante a pandemia. Continuamos a sê-lo hoje. Muitas vezes, o nosso trabalho não é visto. Além disso, o salário por tanto trabalho é baixo. Mas as expectativas são altas. Queridas mulheres, continuem, vamos lutar por melhores condições.

Duygu (ativista)

ALGUÉM ME OUVI? (Sim!)

Tem alguém que me ouvi?

TEM ALGUÉM LÁ? (Sim!)

SOCORRO!

SALVEM-ME!

Alguém ouvi os meus gritos? (Sim!)

Ótimo. Então estou no lugar certo.

Porque isto aqui não é uma peça de teatro.

Fui sistematicamente assediada há pouco tempo.

Sou uma mulher feminista.

Sempre lutei

contra o assédio,

contra a violação,

contra a violência física, psicológica e sexual.

Mas quando isso aconteceu comigo, percebi:

NÃO ESTAMOS SEGURAS.

É por isso que continuo a gritar:

ALGUÉM ME OUVI?

NÓS NÃO ESTAMOS SEGURAS!

O sistema patriarcal mostra a sua verdadeira cara –

NA ESCURIDÃO.

Os homens tiram força dessa escuridão:

Para a violência.

Para o assédio.

Para o feminicídio.

A janela do meu quarto dá para uma floresta escura.

Eu moro com os meus dois filhos – no rés-do-chão.

As nossas persianas estão sempre fechadas.

Mas este ano – várias vezes, sempre às três da manhã –

ele apareceu.

Com uma faca.

Ele abriu as nossas persianas.

Ele assustou-nos.

E quando a polícia chegou – ele tinha desaparecido.

Eu não o conheço.

Chamei a polícia todas as vezes.
Fiz queixa todas as vezes.
E a polícia disse:
«Ele é doente mental.
Ele assedia outras mulheres.
Não é a única.»
Uma vez, ele estava quase nu.
E eles disseram:
«Ele é sexualmente perigoso.
Ele quer assustar-vos.»
Mas o pior foi:
A MINHA COOPERATIVA NÃO FEZ NADA.
Eu disse:
«Tenho medo. Os meus filhos têm medo.»
Pedi um novo apartamento – eles disseram:
«Não.»
Pedi luz – eles disseram: Não dá.
Pedi persianas seguras – eu é que tenho que pagar.
Pedi segurança – eles disseram: Chamem a polícia.
Dez anos de inquilina. E depois – abandonada.
Mas eu não estava completamente sozinha.
As minhas colegas – como vocês aqui –
VOCÊS estavam lá.
Vocês instalaram câmaras.
Colocaram sensores de movimento.
Vocês dormiram na minha casa
para que os meus filhos se sentissem seguros.
Llamam-me todos os dias.
Vocês são luz.
Também queremos estar seguras na escuridão.
Ser livres.
Queremos ruas livres.
Uma vida livre.
Somos luzes na escuridão.
Lutamos juntos –
Contra a violência masculina.
Contra um sistema que vive na escuridão.
Nós sabemos:
Ser FINTA num sistema patriarcal é difícil.
Ser FINTA e mãe é duplamente difícil.
Ser FINTA, mãe e estrangeira é triplamente difícil.

Ser FINTA, mãe, estrangeira e desempregada
é ainda mais difícil.
É por isso que lutamos
JUNTAS CONTRA O PATRIARCADO.
No dia 28 de maio, uma mãe, estrangeira e
refugiada com três filhos foi deportada –
com violência policial.
Direitos das crianças? DESTRUÍDOS.
Direitos das mulheres? DESTRUÍDOS.
Por quê?
Porque ela fugiu.
Porque ela é mulher.
Mas não vamos desistir!
CONNOSCO NÃO!
DEFENDEMOS A NOSSA VOZ.
A VOZ DELAS.
A VOZ DAS CRIANÇAS.
(Pausa)
Só neste ano:
Pelo menos 15 mulheres foram assassinadas
por um homem na Suíça.
15 a mais!
E o que dizem os meios de comunicação e a
política?
«Drama familiar».
Mas nós sabemos:
ISTO NÃO É DRAMA. ISTO É FEMICÍDIO.
Isto é VIOLÊNCIA PATRIARCAL.
Quando as mulheres querem ir embora, o
sistema diz:
Tu és minha.
Tu não podes ser livre.
Enquanto não estivermos seguras, vamos
gritar:
ALGUÉM NOS OUVE? (Pausa)
Quando perco a esperança,
penso em vocês.
Nas vossas vozes.
Nesta rua.
SIM, NÓS OUVIMOS-TE!
GRITAMOS CONTIGO!
LUTAMOS CONTIGO!
NI UNA MENOS –
VIVAS NOS QUEREMOS!